

Improviso para citar a "insensatez humana"

De improviso, durante 52 minutos, José Sarney replicou o discurso de terça-feira de Marcos Freire quando este, além de uma análise crítica da situação institucional do país, sugeriu uma comissão especial para estudar um projeto político para o país.

Sarney, de princípio dizendo que ia "dialogar com o senador Marcos Freire", registrou a implantação, coincidentemente aos seus discursos, de "uma ditadura militar na Argentina, resultado de fraqueza dos governos e da insensatez dos homens".

Primeira crítica de Sarney: qualificou o discurso que estava a responder de "muito elitista, para uma fala voltada para os assuntos de natureza democrática, porque visou sobretudo atingir a uma única camada, o aspecto formalismo jurídico", pois esse dado, apesar de importante, faz parte apenas de um lado da sociedade e da complexidade do Estado moderno. A escudar-se na mensagem presidencial, Sarney disse da harmonização do desenvolvimento para não se incorrer no risco de se implantar uma democracia "voltada apenas para as liberdades subjetivas" o que incorre, por sua vez, na ausência de democracia.

Entre os vários adjetivos ao discurso de Freire, Sarney qualificou-o de "extremamente romântico, poderia ter sido pronunciado nas arcadas da sua velha Faculdade de Direito, passando, então a situar como arcaicos as considerações de Freire, baseado em Montesquieu.

— Cada nação, acho, tem que buscar o seu próprio caminho. Venho de cumprir uma missão difícil e ao mesmo tempo de procurar dar uma contribuição ao debate que se trava no país e que precisa continuar. Não sou contra que se crie uma fórmula e se ela vier, se ela acontecer, todos nós e eu, em primeiro lugar, estarei profundamente feliz porque me considero um liberal.

Mas o senador Marcos Freire falou em democracia. E o que é a democracia que nós não temos? A democracia é o governo da maioria, é aquela que não emana nem do gesto autoritário, oligárquico ou de casta e, também das monarquias divinas, mas um governo do povo, para o povo e pelo povo, para usar uma definição que todos nós conhecemos. A base dela é o voto e pergunto: vota-se no Brasil? Vota-se. E se vota na Oposição?

Sobre os instrumentos de excepcionalidade Sarney dialogou consigo:

— Perguntam-se os instrumentos excepcionais que aí estão, inclusive alguns dispositivos da Emenda Constitucional nº 1, são restritivos a uma verdadeira democracia política. Eu respondo: sim. Devemos procurar uma maneira de que eles possam desaparecer.

Sim. Mas se essa maneira, vai acontecer por um simples decreto, eu respondo: não creio, porque seria negar a estrutura de tudo que tenho dito aqui na tribuna. Se não compreendesse a democracia como um processo integrado que deve alcançar o setor econômico, social e político.

José Sarney não vê motivos para que se pense, entretanto, que o país se encontra num retrocesso no caminho do desenvolvimento político. Para ele, pode-se dizer que "não estamos correndo, podemos dizer que diminuimos a marcha, mas não podemos dizer que paramos". Para, a seguir, dizer que "ficamos colocando o debate institucional em relação ao Governo, ou em relação à Arena, como o MDB está fazendo, a crédito que não constrói e

não ajuda a aumentar os passos, que devemos aumentar".

Considerando Sarney que se o Presidente da República não revogou o AI-5, ele revogou algo da "maior importância democrática e talvez profunda, e mais profunda que um simples decreto que ele tivesse de retroceder, porque ele revogou a violência no país". Essa colocação de Sarney deu margem a Marcos Freire situar que então "V. Exa. reconhece que tinham fundamentos as denúncias do MDB"? Ao que Sarney retrucou estar Freire fazendo intriga, ao que este não aceitou o papel.

Sobre a Comissão Especial sugerida por Marcos Freire considerou Sarney:

— As primeiras palavras do senador Marcos Freire, nesta Casa, foram no sentido de que o Congresso Nacional es-

tava fraco e depois ele mesmo disse que era um Congresso tolerado, tolhido, tutelado. Como, um Congresso dessa natureza, senador Marcos Freire, pode criar uma comissão? E essa comissão que vai emanar dele será tão forte para fazer aquilo que ele não não pode fazer. Depois acho que o lugar próprio para o debate político é o Congresso brasileiro. Enfraquecer mais ainda o Congresso, se é que V. Exa. disse que ele está fraco, é V. Exa. transformar o Congresso em comissão para receber idéias e ter que decidir sobre elas.

— Também invoco uma incoerência minha quando na Comissão de Constituição e Justiça foi apresentado um projeto mandando que associações de classes pudessem ser ouvidas pelas comissões. Eu não me manifestei contra porque acho que no dia em que nós abrímos uma válvula dessa natureza ao Congresso, aí estaremos enfraquecendo o Congresso. Somos legítimos representantes do povo e através de cada um de nós que o povo deve trazer as suas reivindicações, as suas angústias, os seus problemas e as suas soluções. Para isso que existe Congresso. Aqui não somos um Congresso classista. Ao contrário: este é um Congresso Nacional. E, portanto, seria enfraquecido o Congresso com esse tipo de comissão, achando até que, neste ponto, a imaginação criadora ainda não conseguiu avançar muito. O Congresso, se é fraco, como essa comissão conseguiria ser forte? Mas, ao contrário do que o senador Marcos Freire prega, acho que se deve incentivar o debate aqui, sim, neste local que é próprio e que se tem debatido. Não faça essa injustiça para com os seus colegas, nem com esta Casa a que pertence, nem com os eleitores de Pernambuco que o elegeram senador, o legitimaram para falar aqui em nome dos advogados, dos homens de imprensa que têm as suas associações, dos trabalhadores, aqueles que V. Exa. tem falado com bravura, com o respeito de todos nós. Mas, jamais delegamos as nossas funções para as funções que o povo brasileiro nos entrega sejam delegadas às sociedades civis, organizadas, para defender interesses de classe.

— O Congresso brasileiro pode prescindir de qualquer um de nós, mas a instituição que é o Congresso é muito maior do que a soma de todos aqueles que o compõe.

Eurico Rezende (Arena-Espírito Santo) foi o único apartante de Sarney que, numa empolgação crescente, recusou em nome do partido governista a proposta de Marcos Freire e ainda permaneceu em plenário para apartear Freire quando este treplicou à Arena, contestando muitas das colaborações do senador maranhense.



Sarney: a réplica a Marcos Freire

HOJE

Gilvan Rocha (MDB-Sergipe) fará hoje o seu primeiro pronunciamento político-institucional, com um estudo sobre a evolução biológica do homem, paralela à sua evolução social, para concluir que a democracia liberal é a melhor forma de governo. E mais adiante, para situar que o parlamentarismo é a forma mais evolutiva de um governo democrático. E que o Brasil, por ser uma potência emergente, "já se encontra suficientemente sadio para voltar, já que deve ter saído da última crise orgânica ao sol da democracia plena".

João Calmon (Arena-Espírito Santo) voltará a abordar as pesquisas elaboradas pelo Centro Técnico

Aero-Espacial, de São José dos Campos, sobre a utilização do álcool em substituição à gasolina e ao óleo diesel no motor a combustão. Esse mesmo tema será objeto de conferência na Comissão de Minas e Energia, no dia 8 de abril, por um dos integrantes da equipe do Centro Técnico, professor Urbano Ernesto Stumpf.

Ainda inscritos, sem adiantar os seus temas, os seguintes senadores:

Helsídio Nunes (Arena-Piauí), Danton Jobim (MDB-Rio de Janeiro), Jessé Freire (Arena-Rio Grande do Norte), Heitor Dias (Arena-Bahia), Benedito Ferreira (Arena-Goiás), Lázaro Barbosa (MDB-Goiás) e José Esteves (Arena-Amazonas).